

Acudes e Noras

Ao longo do curso do Fivelo encontramos uma série de açudes e noras, engenhos anteriormente utilizados no aproveitamento da precipitação e das águas daquela ribeira, e cuja origem se perde no tempo. Muito do património hidráulico presente na bacia do Tejo e em alguns dos seus afluentes reporta-se à época romana, tendo sido mais tarde adaptado ao aproveitamento da água com a construção de estruturas como pisões, moinhos, azenhas

No século VIII, engenhos e técnicas de regadio como o açude, a nora e a picota foram trazidos para a Península Ibérica pelos Muçulmanos, permitindo o cultivo de legumes e a plantação de árvores de fruto como a laranjeira, o limoeiro, a figueira ou a oliveira.

Os açudes são muros de pedra que servem para reter, elevar e desviar a água dos rios, conduzindo-a através da levada (um canal) ao moinho ou azenha, num percurso descendente em que esta ganha a energia necessária para movimentar o rodízio e, por sua vez, a mó que há-de transformar o cereal em farinha.

Frequentemente, os cursos dos rios eram fixados com a construção de muros de suporte ao longo das margens.

A nora, um dos primeiros inventos a aproveitar a energia hidráulica, já estava bastante divulgada no final do primeiro século antes de Cristo e era utilizada pelos árabes na elevação da água dos poços. Este sistema de irrigação possui um engenho de rodas dentadas, discos e alcatruzes, sendo o eixo central movido por um animal de carga. Bombeada para uma levada, a água voltava ao açude por acção da gravidade, depois de ser utilizada na rega de terrenos situados a nascente, transformando assim zonas incultas em vistosas hortas e pomares. Por sua vez, a picota ou cegonha é um aparelho simples, movido pelo homem, e utilizado para elevar a água empregue na rega. Formado por dois paus, esta funciona como uma

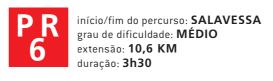
balança inter fixa, encontrando-se geralmente junto a pequenos poços.

→ Cuidados especiais e normas de conduta

- Seguir somente pelos trilhos sinalizados;
- Cuidado com o gado. Embora manso, não gosta da aproximação de estranhos às suas crias;
- Evitar barulhos e atitudes que perturbem a paz do local;
- Observar a fauna à distância, preferencialmente com binóculos;
- Não danificar a flora;
- Não abandonar o lixo. levando-o até um local onde haia servico de recolha:

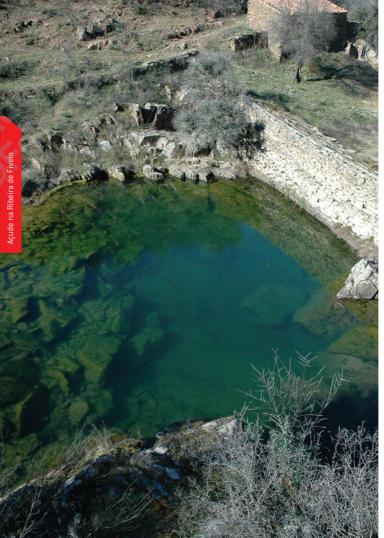
DE TURISMO

- Fechar as cancelas e portelos;
- Respeitar a propriedade privada;
- Não fazer lume;
- Não colher amostras de plantas ou rochas;
- Ser afável com os habitantes locais, esclarecendo quanto à actividade em curso e



Rota dos Açudes

percursos pedestres de Nisa



Remova Marca d'água



Wondershare



pequena rota marcado nos dois sentidos, segundo as normas da Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal. As marcas com tinta amarela e vermelha são as seguintes:



Para a esquerda

Mudança de direcção:





Junto ao estuário do Tejo, onde se pode pescar o barbo, a boga, a carpa, o achigã, a enguia, o bordalo e a perca, vivem espécies como a garça-real, a cegonha-negra, o milhafre-real, a águia-pesqueira, o abutre-negro, o bufo--real e o grifo. Neste território encontra-se o javali, o veado, a raposa, o ginete, a lebre, o saca-rabos e o gato-bravo.

O Tejo é dominado por sobreiro, azinheira, oliveira, pinheiro bravo, eucalipto, amieiro, choupos branco e negro, bem como por espécies como a esteva, a giesta, o rosmaninho, o zimbro, o medronheiro, a urze e o alecrim. Nas margens abundam o junco, os salgueiros branco e comum, o choupo e o freixo.



Neste troço do Tejo destacam-se as zonas de declive acentuado, com penhascos inclinados e abundantes socalcos, cobertos com flora da região. O vale encaixado deste rio, separando a Beira do Alentejo, marca a transição entre o sul, quente e seco, e o norte, mais temperado e húmido. Nas margens, de relevos rochosos ricos em xisto, granito e quartzo, desaguam diversos rios e ribeiras, que em cursos sinuosos alimentam açudes e barragens. Toda a área do Tejo que delimita o topo do concelho de Nisa, num total de 43 quilómetros, se caracteriza pela biodiversidade animal e vegetal, bem como pelas riquezas geológica e arqueológica a ela associadas.

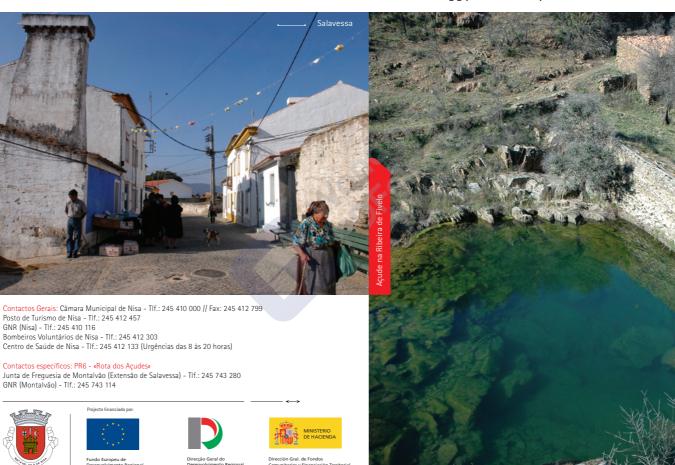


aspectos de interesse

Em Salavessa, visite a igreja e admire as casas de corpulentas chaminés, em contraste com a zona norte da povoação, onde abundam os palheiros, os currais e os muros de xisto com o seu remate característico.

Feita a descida até ao rio, atravesse a Fisga do Tejo, bom local para a prática da pesca. Ao subir a ribeira de Fivelo, aprecie a engenharia tradicional presente nos acudes e noras, bem como os muros de sustentação das oliveiras, úteis contra a erosão dos solos.

No regresso, não se esqueça de provar o típico pão de trigo de Salavessa. Aproveite para visitar as antas da Terra do Sobreirão, um local próximo da aldeia, e do Pego do Bispo, junto à foz da ribeira de Fivelo.





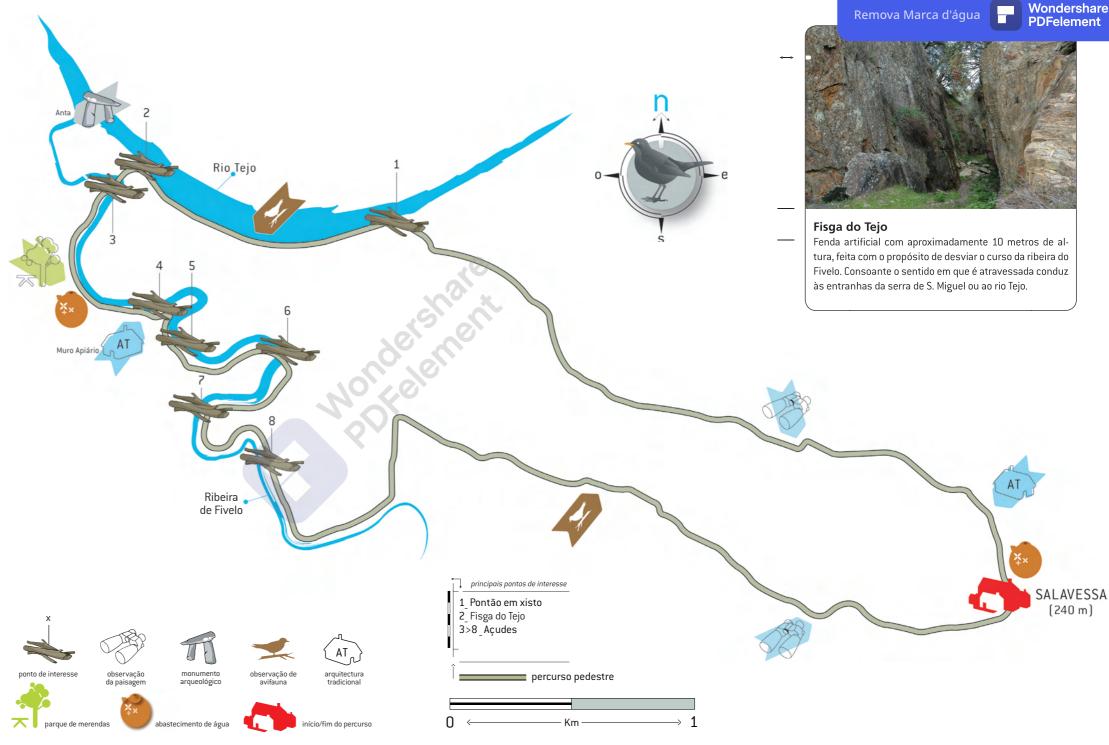
PR 6

Rota dos Açudes

× extensão: 10,6 KM / duração: 3h30

O percurso inicia-se na aldeia de Salavessa, onde sobressaem as casas brancas de rodapés coloridos, ou com o tradicional rebouco encrespado e grandes chaminés. Percorra as ruas estreitas da povoação, admirando as janelas e as portas tradicionais, e faça uma visita à ermida dedicada a São Jacinto. Saindo pelas traseiras de Salavessa, onde foram construídas as primeiras habitações, a paisagem muda radicalmente, surgindo os palheiros de xisto, os currais e as furdas. Siga entre muros, por caminhos de terra e pedra, em desníveis acentuados, acompanhado por uma paisagem de sobro, descendo em direcção ao Tejo.

Encontre a margem do rio num pontão à borda de água e siga por um antigo caminho que termina na Fisga do Tejo, uma fenda artificial que depois de atravessada o leva até um açude e às entranhas da Serra de São Miguel. Sempre na companhia da ribeira de Fivelo, descubra o segundo açude e, mais à frente, um muro apiário dissimulado na vegetação. Serpenteie as colinas e contemple os açudes e as noras, em conjunto com os canais de rega, outrora utilizados no aproveitamento das águas para a irrigação das hortas. Continue a subida, passando junto aos socalcos das oliveiras, até regressar a Salavessa.





Medronheiro

Este arbusto dos montados e matagais mediterrânicos, presente em todo o território continental português, surge geralmente em associação com o sobreiro, a azinheira e o zambujeiro, preferindo solos profundos e frescos. De pequena dimensão - não costuma ultrapassar os cinco metros de altura, mas pode chegar aos dez -, o medronheiro é conhecido pela aguardente feita a partir dos seus frutos, destilados em alambique, sendo necessário 1 guilo de fruto para produzir 1 litro de aguardente. De sabor desagradável quando verde, o medronho provoca embriaguez e dor de cabeça se consumido em grande quantidade quando maduro, já que possui uma certa quantidade de álcool. Com pequenas sementes castanhas no seu interior, estes frutos florescem no Outono ou no princípio do Inverno, amadurecendo na mesma altura do ano seguinte. É então que o medronheiro se cobre de uma panóplia de cores, que vão do verde brilhante das folhas ao branco das flores, pequenas e reunidas em ramalhetes, sem esquecer os frutos, que inicialmente são amarelos, tornando-se avermelhados com a maturação.

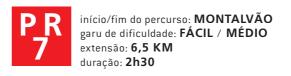
A produção do medronho, esférico na forma e granuloso na superfície, é bastante irregular, dada a dependência do medronheiro de climas e geadas suaves e a comum alternância entre anos de grande e baixa produção.

As folhas do medronheiro, grandes e lustrosas, com tons brilhantes que variam entre o verde-escuro e o verde-claro, são muito parecidas com as dos loureiros e permanecem durante todo o ano na copa oval daquele arbusto de ramos grossos.

Juntamente com a casca delgada e escamosa, de cor pardo-avermelhada ou acinzentada, as suas folhas são usadas na curtição de peles, bem como na medicina popular, desta feita para curar maleitas como diarreias, desinterias ou infecções urinárias. A madeira do medronheiro, utilizada na marcenaria, é também um excelente combustível.

→ Cuidados especiais e normas de conduta

- Seguir somente pelos trilhos sinalizados;
- Cuidado com o gado. Embora manso, não gosta da aproximação de estranhos às suas crias;
- Evitar barulhos e atitudes que perturbem a paz do local;
- Observar a fauna à distância, preferencialmente com binóculos;
- Não danificar a flora;
- Não abandonar o lixo, levando-o até um local onde haja serviço de recolha;
- Fechar as cancelas e portelos;
- Respeitar a propriedade privada;
- Não fazer lume;
- Não colher amostras de plantas ou rochas;
- Ser afável com os habitantes locais, esclarecendo quanto à actividade em curso e às marcas do PR



Entre Azenhas

percursos pedestres de Nisa



Contactos Gerais: Câmara Municipal de Nisa - Tlf.: 245 410 000 // Fax: 245 412 799

Posto de Turismo de Nisa - Tlf.: 245 412 457

GNR (Nisa) - Tlf.: 245 410 116

Bombeiros Voluntários de Nisa - Tlf.: 245 412 303

Centro de Saúde de Nisa - Tlf.: 245 412 133 (Urgências das 8 às 20 horas)

Contactos específicos: PR7 - «Entre Azenhas»

Junta de Freguesia de Montalvão - Tlf.: 245 743 132

GNR (Montalvão) - Tlf.: 245 743 114

Marisqueira "O Rei do Camarão" - Tlf.: 245 743 447 (tem quartos)

Café "Fonte Cereia" - Tlf.: 245 743 343



















Remova Marca d'água



pequena rota marcado nos dois sentidos, segundo as normas da Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal. As marcas com tinta amarela e vermelha são as seguintes:



Mudança de direcção:
Para a esquerda Para a direita

Caminho certo Caminho errado









Do lado português, nos montes em redor do Sever, antes ocupados por searas de trigo onde pastavam vacas e ovelhas, restam as azinheiras e os sobreiros, a que se acrescentaram densos eucaliptais, revelando o abandono daquelas terras. Cá em baixo, as margens do rio enchem-se de freixos, choupos e junco, enquanto que ao longo dos caminhos de terra são comuns a esteva, a giesta, o medronheiro, o murtinheiro e o zambujeiro.

Por ali, avistam-se espécies como o veado, o javali, a corça, a garça-real, a cegonha-negra, o melro, a perdiz, o pombo e o pato-bravo. Nas águas do Sever abundam o barbo, a carpa e o achigã, que se podem pescar num dos muitos pegos, ao longo das margens



O rio Sever nasce na encosta norte da serra de São Mamede e desagua no Tejo, servindo de fronteira entre Portugal e Espanha em três quartos do seu percurso. O xisto é a pedra predominante na sua bacia hidrográfica, numa mancha rochosa que se estende por mais de 12 quilómetros.

Junto à foz, de bordas escarpadas, os solos são mais fracos e secos, e antigamente eram utilizados sobretudo na prática da pastorícia. Nos pontos mais elevados, são comuns os sepulcros megalíticos de pequena dimensão, formados por esteios de xisto, calhaus rolados e argila, envoltos por blocos de quartzo leitoso.



aspectos de interesse

Em Montalvão, conheça o castelo, as igrejas Matriz e da Misericórdia, as capelas de S. Pedro e do Espírito Santo, bem como a Casa do Povo. Junto à estrada que liga Montalvão a Cedillo, visite uma anta em xisto e a Ermida de N.ª Senhora dos Remédios.

No vale do rio Sever, percorra os caminhos de pedra e terra ao longo das encostas, onde abundam os aglomerados de xisto e as construções tradicionais, que hoje servem de abrigo aos pescadores, e contemple a panorâmica sobre as margens portuguesa e espanhola, em pontos privilegiados de observação da fauna e flora locais. Na azenha do Artur, junto à margem, faça uma pausa para merendar e admirar a beleza do rio Sever.



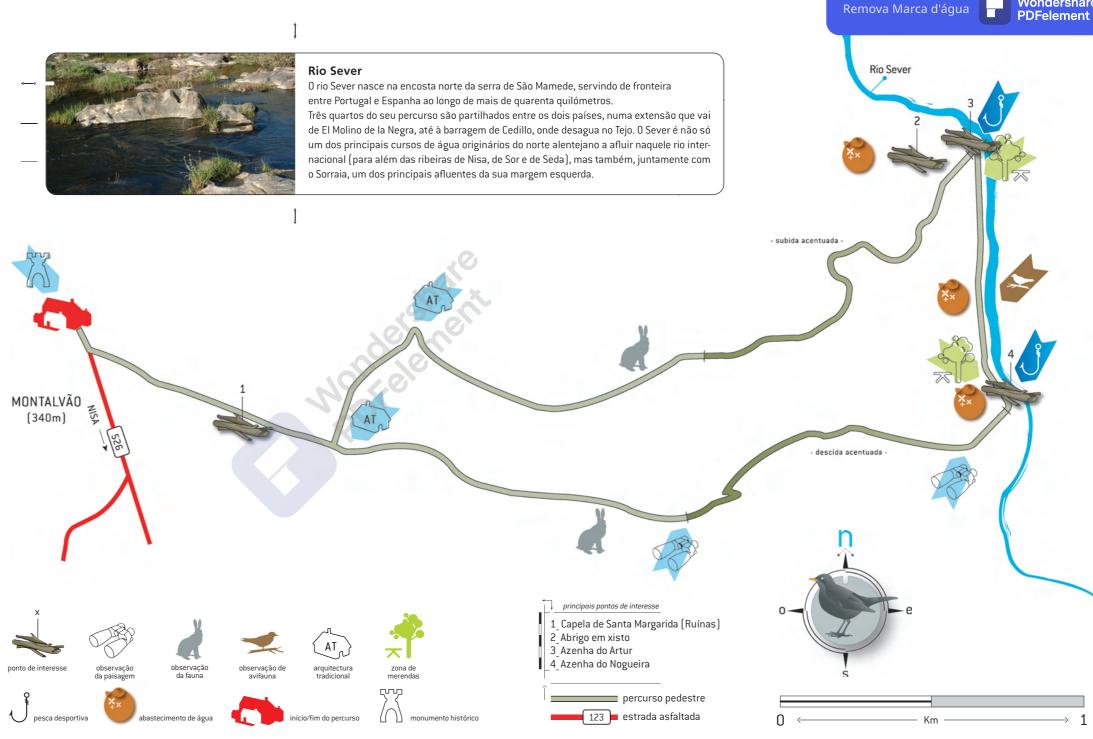
Entre Azenhas

× extensão: 6,5 KM / duração: 2h30

O percurso inicia-se em Montalvão, povoação cujas casas brancas se destacam no alto de um monte isolado na paisagem. Depois de uma visita ao castelo, à igreja matriz e à zona histórica, siga pela estrada alcatroada que o conduz até às encostas do rio Sever, passando junto ao cemitério da aldeia e às ruínas da capela de Santa Margarida.

Atravesse a eira do Ferreira, percorrendo trilhos vincados entre eucaliptos e alguns pinheiros, outrora palmilhados por camponeses e contrabandistas. Mais abaixo, descubra as margens do rio, escondidas por entre o denso arvoredo, numa zona de declives acentuados onde abundam as fontes e as nascentes. Assim que tocar a borda do curso de água, ideal para a prática da pesca desportiva, encontra a azenha do Nogueira, hoje submersa pelo caudal. Com Espanha na outra margem, siga por um trilho de terra que acompanha o rio, em direcção a norte, até à azenha do Artur, igualmente imersa pelas águas, num local privilegiado para merendar, onde o esperam as fontes férreas e um pequeno abrigo em xisto.

Abandonando a margem, inicie uma subida acentuada, eucaliptal adentro. Mais acima, a paisagem de sobro acompanha-o no regresso a Montalvão, através de caminhos de terra batida, por entre muros e ruínas em xisto.



Wondershare

Contrabando

Na década de 1930, com a guerra civil espanhola, escasseiam no país vizinho produtos como o pão, o açúcar, o sabão, o tabaco ou o sal. Devido à falta de emprego e ao trabalho rural mal remunerado, o contrabando torna-se um meio de subsistência para muitas famílias da região.

De noite e de bolsos cheios, homens, mulheres e crianças de Montalvão, Nisa, Salavessa, Monte do Duque, Pardo e Arneiro passavam a pé o Sever e percorriam trilhos e veredas até à fronteira, evitando os guardas-fiscais portugueses ou os carabineiros espanhóis, sendo esperados pelos compradores que vinham de Cedillo. Este percurso deu lugar à Rota do Contrabando.



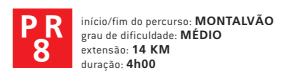


Ermida de N.a Sr.a dos Remédios e anta

Escapando ao percurso, visite a ermida de N.ª Sr.ª dos Remédios. A festividade tem lugar a 8 de Setembro, sendo a principal manifestação cultural de Montalvão, a par das touradas à vara larga. Mais adiante, aproveite para descobrir uma anta junto à estrada para Espanha, num dos pontos mais elevados desta zona, onde são comuns os pequenos sepulcros megalíticos.

→ Cuidados especiais e normas de conduta

- Seguir somente pelos trilhos sinalizados;
- Cuidado com o gado. Embora manso, não gosta da aproximação de estranhos às suas crias;
- Evitar barulhos e atitudes que perturbem a paz do local;
- Observar a fauna à distância, preferencialmente com binóculos;
- Não danificar a flora;
- Não abandonar o lixo. levando-o até um local onde haia servico de recolha:
- Fechar as cancelas e portelos;
- Respeitar a propriedade privada;
- Não fazer lume;
- Não colher amostras de plantas ou rochas;
- Ser afável com os habitantes locais, esclarecendo quanto à actividade em curso e às marcas do PR.



Trilhos do Moinho Branco

percursos pedestres de Nisa



Remova Marca d'água



pequena rota marcado nos dois sentidos, segundo as normas da Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal. As marcas com tinta amarela e vermelha são as seguintes:



Caminho errado







Mudança de direcção:

Para a esquerda



Para a direita



A Primavera, quando tudo está florido, e o Outono são as estações do ano recomendadas para fazer o percurso. Nos montes em redor, das antigas searas de trigo, onde outrora pastavam vacas e ovelhas, restam as azinheiras e os sobreiros, a que se acrescentaram densos eucaliptais. Na foz do Sever abundam o barbo, a carpa e o achigã, que se podem pescar num dos pegos situados ao longo do rio. As margens enchem-se de freixos, choupos e junco, e nos caminhos são comuns a esteva, a giesta, o medronheiro e o zambujeiro. O veado, o javali, a coruja, a garça-real, a cegonha-negra, o melro, a perdiz e o pato-bravo são algumas das espécies que por ali se avistam.



O xisto é a pedra predominante na bacia hidrográfica do Sever, numa mancha rochosa que se estende por mais de 12 quilómetros, ao longo das duas margens. Este rio nasce na encosta norte da serra de São Mamede e desagua no Tejo, servindo de fronteira entre Portugal e Espanha em cerca de três quartos do seu percurso. Próximos da foz do Sever, onde as encostas são mais escarpadas, os solos fracos e secos eram noutros tempos utilizados sobretudo na prática da pastorícia. Nos pontos mais elevados, são comuns os sepulcros megalíticos de pequena dimensão, formados por esteios de xisto, calhaus rolados e argila, envoltos por blocos de quartzo leitoso.



aspectos de interesse

Em Montalvão, conheça o castelo, as igrejas Matriz e a da Misericórdia, as capelas de S. Pedro e do Espírito Santo, e a Casa do Povo. Junto à estrada que liga Montalvão a Cedillo, visite uma anta em xisto e a ermida de N.a S.ra dos Remédios. No vale do rio Sever percorra os caminhos de pedra e terra ao longo das encostas, onde abundam construções tradicionais que servem de abrigo aos pescadores. Na azenha do Moinho Branco aproveite para merendar. No pontão da ribeira do Lapão, todo em xisto, observe o leito escavado por pequenas pedras roliças. Acima do retiro do pescador, não perca a panorâmica sobre as margens portuguesa e espanhola, ponto privilegiado de observação da fauna e flora locais, tal como dos pequenos muros de xisto.



Contactos Gerais: Câmara Municipal de Nisa - Tlf.: 245 410 000 // Fax: 245 412 799

Posto de Turismo de Nisa - Tlf.: 245 412 457

GNR (Nisa) - Tlf.: 245 410 116

Bombeiros Voluntários de Nisa - Tlf.: 245 412 303

Centro de Saúde de Nisa - Tlf.: 245 412 133 (Urgências das 8 às 20 horas)

Contactos específicos: PR8 - «Trilhos do Moinho Branco»

Junta de Freguesia de Montalvão - Tlf.: 245 743 132

GNR (Montalvão) - Tlf.: 245 743 114

Marisqueira "O Rei do Camarão" - Tlf.: 245 743 447 (tem quartos)

Café "Fonte Cereja" - Tlf.: 245 743 343

















PR 8

Trilhos do Moinho Branco

× extensão: 14 KM / duração: 4h00

grau de dificuldade: **MÉDIO**

O percurso começa em Montalvão, povoação rural situada no alto de um monte, de onde se avistam as paisagens alentejana, beirã e espanhola. Visite a zona histórica, o castelo e a igreja matriz, e avance pela estrada que o leva até às íngremes encostas do rio Sever. Atravessando trilhos outrora percorridos por camponeses e contrabandistas, passe pelo chafariz de Palos e pela Tapada da Queijeira, apreciando no Alto da Pobreza a vista sobre a foz da ribeira de São João.

Chega então à azenha do Moinho Branco, zona de declives acentuados, esculpida pelos cursos de água, ideal para a prática da pesca desportiva. Acompanhando a margem do Sever, com Espanha sempre do outro lado, numa área de vegetação densa onde abundam as fontes e as nascentes, pode desfrutar de algumas construções tradicionais e abrigos em xisto, hoje utilizados pelos pescadores.

Mais abaixo, o caminho abandona o rio, alcançando o pontão da Ribeira do Lapão, construído em xisto sobre um leito de pedra polida. Ali bem perto, rodeado de oliveiras dependuradas em sulcos, situa-se o retiro do pescador. No regresso a Montalvão, a subida é feita por trilhos de pé posto, passando-se pela Eira do Ferreira.



Azenha do Moinho Branco

Já junto à margem do Sever, avance até à azenha do Moinho Branco, local ideal para descansar e merendar, refrescando-se primeiro na mina da lagartixa.

